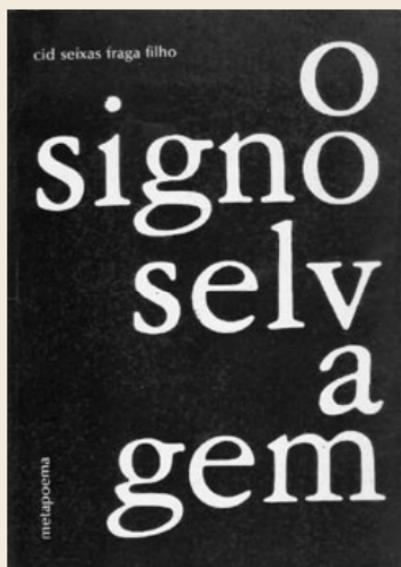
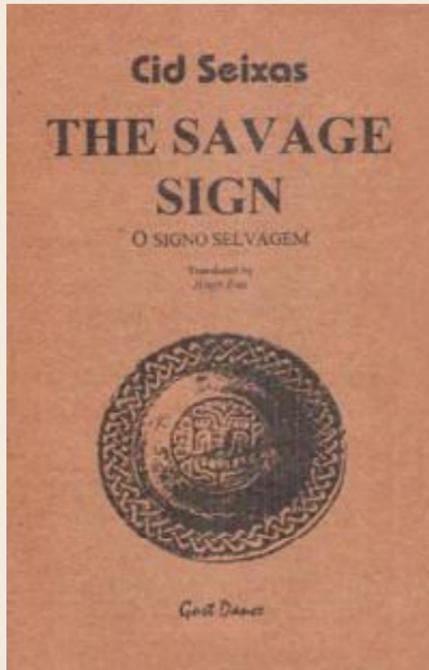

SOBRE O SIGNO SELVAGEM



O *Signo Selvagem* foi publicado como livro inconsútil, em 1978, pelo Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura de Salvador, com o subtítulo *Metapoema*.

O livro é complementado, ainda, por um texto intitulado “Manifesto

à aldeia selvagem”. Cinco anos depois da publicação original foi feita, pelo poeta Hugh Fox, uma edição bilingue norte-americana. *The savage sign / O signo selvagem*; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983.



Leia também
o Manifesto à Aldeia Selvagem

CARTÃO DE DRUMMOND

Poeta Cid:

pela firme poesia de *O Signo Selvagem*, o agradecimento e o abraço cordial de

Carlos Drummond de Andrade

COMENTÁRIO DE HUGH FOX

O brasileiro Cid Seixas, cujo discurso pode evocar o do – jovem – Allen Ginsberg (embora ele não seja judeu), consegue o de melhor quando trata as palavras como símbolos cabalísticos de mistério no quadro negro enigmático da teoria pura.

Este volume – que incorpora o seu *Signo selvagem*, de 1978 – coloca Cid

Seixas na principal corrente da poesia brasileira contemporânea. O que ele faz jus, pelo seu trabalho e pelo seu texto.

(...) É muito diferente dos poemas de *O Signo selvagem*, onde vemos o coração da semântica, da palavra, do texto.

Hugh Fox

LEIA
DOIS POEMAS,
NAS PÁGINAS
A SEGUIR.

XVII

As coisas que criaste
a Ti devolvemos
refeitas
com a palavra,
condão que nos deste
como se deuses
fôssemos.

O homem
não imita o mundo:
refaz
para ver refletida
sua imagem.

XX

Bendito o pecado
original
de todas as virtudes
que criaste
com a Palavra
fruto do bem
e do mal.

Chamaste a luz de luz
e a treva de treva
porque quiseste.

Poderias chamar
o silêncio
palavra
e a ti mesmo
Poesia.